

...
 C C O N T O ?
 C O N T O . O .
 C N N C O N T O
 ! T T !
 O O

Tempo de Mudança

Todo mundo sabe que a chuva que cai com tal desacordo com as necessidades da vida, do campo, da cidade vem de questões políticas. Já disseram que a culpa só pode ser do prefeito. Culpa de uma pedagogia encalacrada na burocracia de sala de aula, de tarefeiros que proíbem criatividade e desenvolvimento de valores sociais, comunitários.

A chuva lava. No vulcão do céu, desce o sermão não tratado que derruba o tempo e faz surgir inopinadamente todo o infortúnio. A gente entende que se trata de falta de conhecimento sobre o tempo. Não exatamente o horário, o reboludo contínuo das mesmices. A rotina impede perceber o que acontece ao lado. A devolução constante de realizar obrigações, obedecendo a um chefe através do imediato do barco da existência faz não ver, tornar invisível as coisas reais, diárias e suas forcas.

Vem a natureza outra vez a derribar o contento da repetição, a tirar do sério os que estavam na obsessiva constância de continuar sem porquês. Foi a chuva, foi aqueles minutos, aquela quantidade que travou tudo. Matou, quebrou, destruiu esperanças e desencantou muita gente. Foi

ela, a molheira que destratou os sonhos de realizar individualmente os interesses, ela sim que obrigou a pensar o coletivo. No bem da água que cuida da terra e o mal que traz no exagero tropical de sua ensandecida quantidade, nisso tudo, e nessa situação do inesperado que se vê o outro.

Alguém ali. Mas, não apenas um além de si mesmo, mas uma representação de todos. Na calamidade surge o planeta, surge as adventícias promessas de melhorias não realizadas, tão prometidas pela república, pelo civilismo esperado por tanto tempo. Nessa falta que aparece uma realidade esquecida. Cai chuva, levanta-se a realidade.

Quando se fala de segurança pública, entende-se que se pode até chegar ao guarda e perguntar onde fica o parque, onde é o hospital, onde está o correio, o museu, a escola. Pode-se perguntar ao policial até mais coisas quando se tem segurança. E nesse dia de tal sentido ele responderá cortesmente. Dirá, talvez, antecipando a qualquer intenção:

- Posso ajudar?

- Pode sim.

No sentido de saúde, a alimentação será

mais tenra, o esporte e o lazer andarão juntos, e em todas as comunidades locais, as que vivem na cidade, no urbano de veias e artérias, poderão ir ao campo de várzea porque ainda existe, também poderão em qualquer bairro sentarem-se no banco da rua, da praça, poderão caminhar sem tropeços porque os impostos pagos correspondem a ruas calçadas com jardins que lembram não casas, mas lares. Nesse dia não estará um imenso cartaz frente aos palácios de governo escrito paz. Não terá nada disso porque não se estará em guerra. Só se pede e se fala de paz na guerra, e isso não acontecerá mais. A saúde será plena porque não é hospital o nome de saúde, mas a formação. Não são farmácias, mas a vida compartilhada. Por isso a culpa da chuva é política. Chove por que é assim os lugares que pouco cuidam do tempo de mudanças.

A escola ao invés de fechada nos fins de semana será evidentemente integrada às comunidades, sem muros, com jardins, com hortas, piscinas, alimentos, sem campanhas, sem a intervenção da direção feito os panotipos que Foucault tratou. A educação terá motivo de chover na sua transparência, de um aprendizado que sabe por que a praça tem esse nome, a rua, de o nome da praça surgir porque o alfaiate era bom, aquela mulher que sabia benzer pra valer, porque o merceiro cuidava das pessoas, de o maestro da banda ter levado alegrias, de um professor tenha sido valioso, de as praças e ruas serem apenas uma concorrência de importâncias de gente de bens materiais, gente de bem – de serem exclusivos, de nomes de ruas, praças, logradouros distantes terem nomes porque alguém foi lá na prefeitura e pôs o nome do pai, do amigo, antes de ser um

reconhecimento social, e a tornar-se propriedade da vaidade. Talvez seja por isso a autofagia, de que não se tem valor um qualquer. Razão de que não se confia nos valores, sabendo-se que foram tomados. Desconfia-se então.

No tempo de mudanças não teremos placas para idosos, para pessoas com necessidades especiais, placas escritas direção, gerência, ajudante do assistente, entrada exclusiva, proibido cachorro, proibido. Mesmo carteira de trabalho, carteira do cidadão, carteira disso e daquilo, de identificação e controle. Teremos também justiça ao invés de leis ordinárias que cuidam de uma ordem sobrecarregada de lama e frieza, que divide, que separa. Nas prisões não teremos o homem simples que cometeu o crime de querer a oportunidade de viver com dignidade. Ele não será confundido.

O transporte será público em sua publicitação em oferecer ida e volta aos que trabalham e promovem a sociedade. Os motoristas de ônibus atenderão aos passageiros com aquele jeito todo brasileiro de rir e falar sem pensar um só instante de que o outro lhe produz medo, mal-estar, angústia, dúvida. Ele seguirá pelas vias calmas dos bairros.

- Bom dia.

As cidades não crescerão tanto, o plano diretor da cidade terá limites na verticalização porque cada lugar tem um jeito de olhar o horizonte. E também surgirá como a chuva que se possa dizer não – nesse tempo de mudanças o não será entendido. O prefeito, ao invés de longos discursos vazios sobre a sua pessoa, visitará os sábios que nem faculdade fizeram, que

maior em dignidade, nem ler e escrever precisam. Mantêm-se em seus ofícios, e realizam a cultura dos homens livres. E se poderá ir ao trabalho, ao serviço com roupa nova, limpa, molhada na chuva, no tempo de mudanças.

Por isso veio a chuva, um problema sério de ecologia humana, de falta de crítica, de bibliotecas fechadas – muitas vezes aos sábados e sempre aos domingos. Um dia desses os pais poderão ouvir as histórias e também contar os seus causos mais

impressionantes. Infelizmente, por isso chove, por não haver culpa, por não acontecer os limites necessários da educação: o limite. Com o limite se faz o desenho, se dá a forma, nele, o potencial mais forte que propicia a represa dos valores, desde a formação da personalidade, e sempre do caráter e do conhecimento. Que não se está só, o limite que enche o céu de nuvens e faz chover o tempo de mudança.

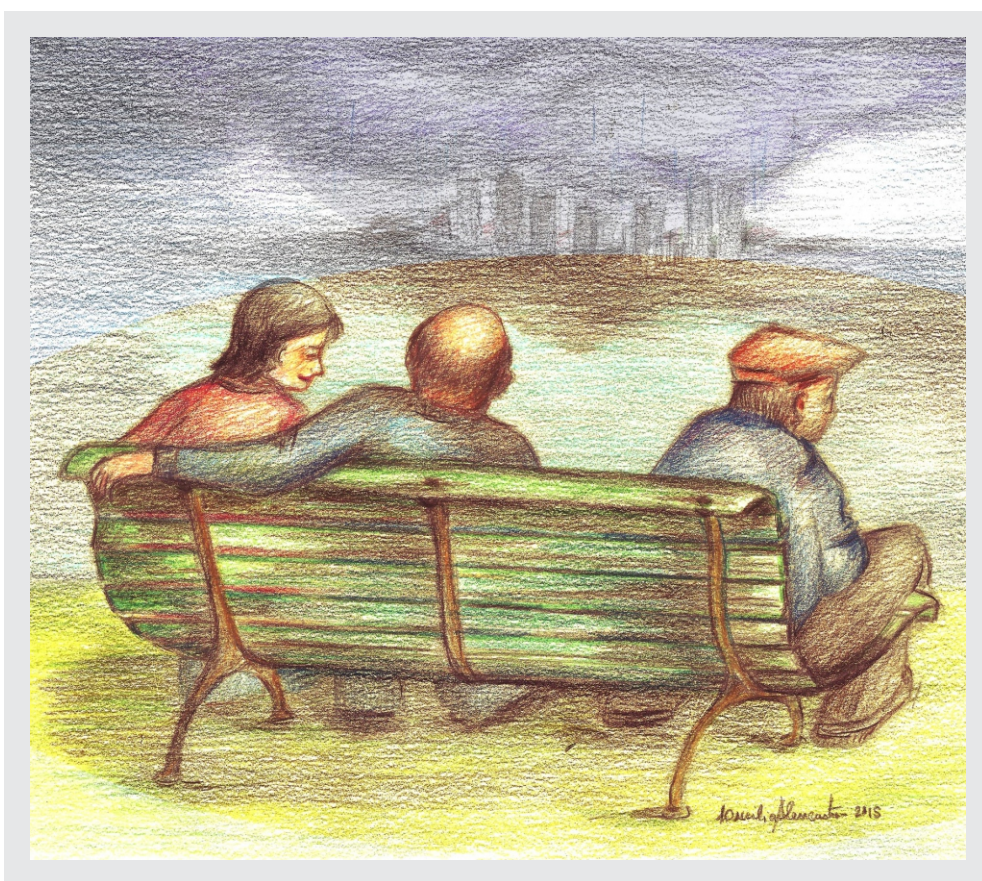


Ilustração: Lucília Alencastro

PEDRO MOREIRA DA SILVA NETO